



Redacção e administração

R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO



Officina de impressão

R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANTARIO REPUBLICANO

Numero 212

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

Falta de caracter

O Mundo, a proposito do casamento civil de Pelletan, ministro da marinha da Republica franceza, termina uma pequena local com estas palavras:

«Que todos os que em Portugal pregam o registo civil tivessem sempre a hombridade para o levar a effeito,—eis o que seria para desejar dados os exemplos constantes de tanto homem de valor».

Muito bem. Registamos e applaudimos as boas intenções do Mundo. Mas esqueceu-se o prezado collega de que se os de Portugal não seguem os exemplos constantes de tanto homem de valor é, precisamente, por não terem valor nenhum.

Só o homem de valor é capaz de se possuir d'uma convicção e de lhe ser fiel atravez de tudo. Se esses sujeitos, que prégam o registo civil, estivessem bem convencidos dos preconceitos asmaticos, dos erros grosseiros, dos attentados e perigos sociaes de todas as religiões, claro é que se mantinham rigorosamente no campo dos principios que apregoam. Mas elles não estão convencidos de coisa nenhuma.

São livres pensadores para se darem ares d'espíritos fortes. Vão á igreja receber os sacramentos para serem considerados pessoas de bom tom.

E eis porque o registo civil se tem propagado de preferencia entre o povo. O povo não terá grande consciencia do absurdo das religiões. Mas tambem não obedece a presumpções aristocraticas. E então lá vae, bastando, para o impellir e para o guiar, a revolta do pensamento perante os absurdos mais patentes da religião.

O Mundo conhece, tão bem como nós os conhecemos, numerosos revolucionarios que prégam á noite nos clubs o livre pensamento, e que, logo na manhã immediata, levam os filhos á igreja.

Conhece-os que se casaram catholicamente, dando como razão da sua indigna conducta a transigencia com a crendice da noiva e com o escrupulo da mãe. Ora a razão suprema não é essa. Todos aquelles que se teem afastado da Igreja, para permanecerem fieis aos principios que apregoam, teem esposas e teem mães, e ainda nenhum d'elles levou a mãe á sepultura nem se divorciou por tal motivo. Oxalá que todos os motivos de desgosto, que os maridos e os filhos dessem ás esposas e ás mães, fossem esses, e só esses. Estavam ellas, que depressa se resignam com desgostos d'essa ordem, cheias do ventura, e a sociedade tambem.

A razão suprema não é essa. O que elles não querem é confun-

dir-se com a ralle, é passar por jacobinos, é perder a nota de bom tom, que é a maior vaidade que possuem, a coisa que mais prezam n'este mundo.

Ser republicano não é macula para a gente d'alta roda. Isso admite-se já com muita facilidade, até com particular benevolencia. Macula, grande macula, é ser livre pensador.

O grande jacobinismo é este. Isto é que o grande mundo não perdoa.

Não casam, ou não baptisam os filhos civilmente, para não darem desgosto á noiva, á mulher ou á mãe. Olha os velhaquetes! Alguns conhecemos nós, que casaram em condições de tal ordem, tão favoraveis e tão vantajosas para as noivas, que estas casariam com elles ainda que fosse no inferno e com a benção e sanção de Belzebut.

Mettem cuspo de padre se-bentão na bocca das innocentes creancinhas para não desgostarem as mães. E não as desgostam, nem se importam, então, de as desgostar, com extravagancias e tropelias de toda a ordem.

Não é. E' que na raça portugueza não ha altivez d'opinião, não ha convicções profundas, não ha intransigencias honestas, não ha uma orientação definida e segura. A raça portugueza perdeu o caracter e ai de nós se o não pôde readquirir. Essa falta de orientação e de plano, essa ausencia de grandes e inabalaveis convicções, de persistencia n'uma opinião, n'uma idéa, n'um trabalho, essa lamentavel carencia de intransigencia, de coherencia, de tenacidade em tudo e por tudo, não se conhece apenas nas mediocridades. Até os homens de verdadeiro valor intellectual a manifestam, e teem manifestado sempre.

Alexandre Herculano deixa de continuar a sua *Historia de Portugal*, e vae carpir para Valle de Lobos, porque dois ou tres marmaros o injuriaram do pulpito. Oliveira Martins acaba o resto da vida a proclamar o poder pessoal e a rezar as contas. Não foi a mulher, como pretendia um periodico ha dias, que se aproveitou da inconsciencia da hora final para lhe metter o rosario na mão. Todos conhecem a beatice, a doentia devoção d'essa senhora. Mas a verdade é que Oliveira Martins, era de ha muito, um reaccionario e um cortezão.

Eça de Queiroz, depois de escrever o *Crime do Padre Amaro*, que não é uma simples charge em ridiculos e torpezas de beatos, mas a analyse e a condemnação flagrante, pela bocca do medico Gouveia, de toda a religião, escreve a carta a Guerra Junqueiro, na *Correspondencia de Fradique Mendes*, se a memoria,

agora, não nos atraiçoa, onde se horrorisa com a idéa da completa emancipação religiosa das baixas camadas sociezes.

Guerra Junqueiro, que parecia ir até ao fim n'uma famosa rebeldia, cahie n'um langoroso mysticismo.

E assim tudo. Tudo vencido. Tudo prostrado. Tudo aniquilado. Não ha um espirito rebelde. Não ha um grande luctador.

E' um povo exgottado, frouxo, impulsivo, que parece, n'um instante, querer tragar o mundo, para, d'ahi a momento, cahir outra vez na sua apathia e frouxidão.

Não é capaz de um combate duradouro e intrépido. Desde o mais infimo até ao mais alto e graduado cidadão.

Não é capaz d'uma levantada, nobre coherencia, por isso mesmo que não tem opiniões seguras e assentes, que não tem convicções, nem tenacidade, ou força, para as defender e manter; por isso mesmo, n'uma palavra, que não tem caracter.

E' uma infelicidade.

Mas é assim, e bem assim.

Ser villão e ser canalha é proprio de quem usa levantar insidias por nada ter que dizer do adversario.

ROBIN.

REPUBLICANOS

Os partidarios republicanos andam agora muito esperançados com a vinda do sr. Antonio José d'Almeida.

E' a historia da pedra philosophal!

Não conhecemos o sr. Antonio José d'Almeida. Mas supponho-lo merecedor de todas as homenagens. Imagina-lo, porém, um salvador, é compromette-lo a elle e desacreditar ainda mais o partido republicano.

E' compromette-lo a elle porque o sr. Antonio José d'Almeida não é, ainda, um homem publico. Não basta mostrar talento na Universidade, ou em qualquer escola superior do paiz. Talentos não faltam entre nós. Se dermos credito a tudo quanto ouvimos, podemos, até, concluir, que o paiz succumbe esborrachado de talentos.

Depois, por mais capacidade politica que possa ter, admittamos, o sr. Antonio José d'Almeida, n'um regimen democratico os esforços d'um homem são completamente inuteis quando não seja comprehendido e apoiado pela maioria. Ora a maioria do partido republicano é incapaz, por enquanto, de comprehender e apoiar um homem politico de merito superior.

Portanto, quanto mais esperança politica depositarem no sr.

Antonio José d'Almeida, mais o entalam e compromettem.

Elle que não cáia na asneira de se deixar eleger membro do directorio, depois de tantos reclames. Ao fim de tres dias pedem-lhe a republica. Elle não a pôde dar, é claro, e é homem morto no partidario republicano. Ainda lá não foi nenhum que elles não se apressassem a deitar abaixo, porque no partido republicano vigora este principio: ou republica, ou nada.

Isto quanto ao sr. Antonio José d'Almeida.

Quanto ao partido republicano, tambem é um novo descredito para elle essa ancia de novo Messias. O partido republicano anda n'essa vida ha mais de vinte annos. A fazer Messias e a desfazer Messias. Não seria tempo de acabar com o ridiculo? Depois, que democracia é essa que precisa de um homem para se levantar?

Morreu o José Elias, morreu o sul. Morreu José Falcão, morreu o norte. Apparece agora Antonio José d'Almeida? Eis o homem. E anda tudo em alvoroço! No fim de contas, nem José Falcão—que estava longe, apesar do seu incontestavel talento e caracter, de ser um homem d'estado,—faria falta alguma aos republicanos, se tivessem juizo, como não fez, porque o desastre do partido republicano foi o 31 de janeiro e não foi a morte de José Falcão, nem Antonio José d'Almeida, ou qualquer outro, lhes seria agora indispensavel.

O que não quer dizer que não haja homens de mais ou menos valor nos partidos democraticos, e que uns não sejam mais festejados e considerados que os outros.

Mas então saibam dizer as coisas, primeiro. E esperem pelos factos, segundo.

Por enquanto, o sr. Antonio José de Almeida tem apenas a sua tradição d'estudante. Não tem mais nada. E isso é pouco, para Salvador, para Messias, por mais digno e talentoso que haja sido o estudante.

Festejem muito o antigo estudante, pelo seu caracter, pelo seu talento. Festegem o profissional que tem honrado a sua profissão. E' justo. Mas, por enquanto, fiquem-se por ali.

A verdadinha acima de tudo. O mais curioso, porém, é que apparece agora outro Messias além do sr. Antonio José de Almeida. O Norte cita dois. E' o sr. Antonio José de Almeida e o sr. Antonio Luiz Gomes.

Francamente, não conhecemos o sr. Gomes. Quem escreve estas linhas tem suas fumaças de conhecedor profundo do partido republicano, desde 1880 até 1891. Pois nunca ouviu falar no sr. Antonio Luiz Gomes. Se andou no

antigo movimento foi figura de 2.º ordem.

D'onde concluímos que deve haver engano da parte do Norte. Ha engano, sem duvida. Quem regressou agora do Brazil foi o sr. Cunha e Costa, homem muito querido dos republicanos de Coimbra e do Porto, ao qual chamaram o S. Paulo da Democracia Portugueza. Portanto, outro Messias, dos mais qualificados e illustres. Esse, sim.

Lembra-nos, até, que quando o Povo de Aveiro atacou esse S. Paulo, varios estudantes de Coimbra sahiram, a favor d'elle, a passar-lhe attestado de bom comportamento, indignando se comnosco, sendo um d'elles o proprio sr. Antonio José de Almeida, se agora não nos falha — e não falha — a memoria.

E contra nós publicava o mesmo S. Paulo, n'um diario republicano do Porto, que ainda lá existe, trechos de cartas de José Falcão. Tanto este fallecido chefe estimava e considerava o S. Paulo da democracia portugueza!

Portanto, deve ser engano. E' Cunha e Costa, que foi uma das maiores glorias e esperanças do partido republicano portuguez, que recebeu a benção de José Falcão, a cuja infallibilidade os republicanos se curvam reverentes, o doutor em direito que regressou agora do Brazil. Deve ser esse aquelle a quem o Norte se refere, e não Antonio Luiz Gomes, nome absolutamente desconhecido para nós.

Ha equivoco, com certeza.

Para louvar

O sr. presidente da camara, Gustavo Ferreira Pinto Basto, tenta levar a effeito o projecto da construcção de uma casa que comporte as duas secções dos Asylos-Escolas, Secção José Estevam e Barbosa de Magalhães, que até aqui teem estado em casas bastantes distanciadas uma da outra.

A construcção é feita por meio de arrematação e o seu pagamento em amortisações annuaes, com o respectivo juro.

Suicidio

Em Paris, um electricista distincto, tendo-lhe morrido a esposa, a quem muito anava, mandou retirar da sala, onde se achava o cadaver, as pessoas presentes que o velavam desfechou contra si um revolver, acabando assim com a preciosa vida junto d'aquella a quem estremecidamente adorava. A infeliz tinha succumbido ás dores d'um parto.

Se não tivéssemos vícios, não teriamos tanto prazer em notar os do proximo.

Não realisa grandes cousas quem se preocupa demasiado nas pequenas.

L ROCHEFOUCAULD.

Cartas d'Algueres

28 DE AGOSTO.

Continuam os grandes senhores feudais a faltar escandalosamente ao dever, que a lei lhes impõe, de manifestar os seus trigos. Continua o governo a permitir esse abuso revoltante. E continua a imprensa democratica, na sua quasi totalidade, a demonstrar a mais completa indifferença por esta grave questão das subsistencias publicas, indifferença tanto mais espantosa, tanto mais criminosa, quanto é certo estarmos em vespuras da publicação da nova lei dos cereaes, — espera-se apenas, ao que se diz, pela chegada do sr. Hintze Ribeiro, — lei que, necessariamente, vem agravar ainda mais a horrorosa situação do infeliz consumidor.

Que Portugalorio! Que Portugalorio!

Pela base 3.ª da carta de lei de 14 de julho de 1899, e artigo 2.º do respectivo regulamento de 29 de julho do mesmo anno, são os moageiros matriculados obrigados a comprar, por meio de rateio, em cada mez, 16 milhões de kilogrammas de trigo nacional, aos productores que, independentemente da chamada, o manifestarem a partir de 15 de julho; no mercado central de productos agricolas, ou nas respectivas delegações resultado.

Ora, o anno passado, não produziu o manifesto, diz *A União*, órgão dos panificadores em Portugal, a quarta parte da quantidade estipulada. Em mez nenhum o manifesto foi além de cinco milhões de kilogrammas e n'estes o trigo das boas qualidades era representado n'uma percentagem inferior, tão minima que até as proprias estações mostraram empenho em encobrir o tristissimo fiasco. A chamada de 15 de novembro, que devia dar um enorme resultado, pois os lavradores gritavam que havia grande quantidade de trigo em poder da lavoura, deu ao mais ridiculo e desolador espectáculo.

Este anno, accrescenta aquelle periodico, vamos na mesma. «Nem uma só das grandes partidas de trigo, d'essas que representam a colheita d'um dos grandes senhores da terra, foi dada ainda ao manifesto no mercado central de productos agricolas. Até agora só pequenas quantidades alli tem sido manifestadas, o que demonstra que os senhores feudais da propriedade rural e os especuladores do commercio de cereaes continham na extranha disposição do desrespeito á lei e aos interesses geraes do paiz. Como é da praxe, o mercado ditigiu aviso a todas as regiões cerealíferas, fazendo saber que estava aberto o manifesto nos termos legais. Apenas os cultivadores de pouco mais de um moio, d'uma dezena, o maximo, sendo a maioria das immediações da capital, acudiram ao aviso, correspondendo ás suas disposições e cumprindo-as.»

Isto é uma tremendissima pouca vergonha.

O preço da tabella é elevadissimo, como temos dicto e demonstrado. Mas os senhores da terra querem mais, muito mais e, por isso, não manifestam os trigos, principalmente os trigos de boa qualidade, para, de connivencia com o governo, especulem com a lucta de concorrência que se estabelece entre os moageiros.

Ha, porém, ainda um outro motivo, motivo supremo, da mais alta importancia, para que se não faça o manifesto. Os grandes proprietarios da raia querem fazer contrabando, contrabando a que se associa o grande moageiro e o açambarcador rico, e nenhum dos grandes ruraes, ou da raia ou do interior, quer, para fugir á contribuição, que o paiz e o Estado conhecem os seus rendimentos. Eis tudo. E' o regimen da de-

saforada pilhagem, á custa, havemos de o dizer sem cessar, do sangue do pobre, da alimentação, da vida das classes desprotegidas da fortuna.

E com a cumplicidade, consciante ou inconsciente, tambem não nos cansaremos de o repetir, da chamada imprensa democratica, que, na sua grande maioria, criminosamente se conserva— a propria ignorancia, n'estes casos, é um crime,—de braços cruzados a olhar para tudo isto.

E' de velha data, a sonegação da propriedade á matriz, e a ladroeira por meio de contrabando.

Pela lei de 1837 eram obrigados os proprietarios do Alentejo, e d'outras provincias que tivessem cereaes dentro de 5 leguas da fronteira de Hespanha, a manifestar os auctoridades administrativas, sob penas severas, ficando sujeito a guias o commercio d'esses cereaes para fóra dos concelhos, em que estivessem na occasião de serem dados ao manifesto.

No n.º 6 do *Boletim* do ministerio das obras publicas, correspondente a junho de 1866, vem uma consulta da Associação Commercial de Lisboa, com data de 10 d'outubro do 1865, onde se afirma que nos annos de mediana colheita é o contrabando que alimenta o paiz.

No n.º 7 do mesmo *Boletim*, correspondente a julho do referido anno, vem um notavel relatório, datado de 23 de fevereiro, do director geral do commercio e industria, Rodrigo de Moraes Soares. N'esse relatório se diz que são os contrabandistas que abastecem de cereaes os nossos mercados: «Nas herdades limitrophes da Hespanha a industria agricola converteu-se em industria extractiva. N'ellas os terrenos não se semeavam, appareciam cobertos de trigo, limpo e secco; não havia mais que ensacá-lo e conduzi-lo aos mercados.»

No *Relatório e projecto de lei sobre o commercio dos cereaes*, apresentado ao conselho de commercio, industria e agricultura, pela comissão nomeada em sessão de 25 de fevereiro de 1864, composta de José Maria do Casal Ribeiro, marquez de Niza e João de Andrade Corvo, relatório muito importante, a que, em outro dia, havemos, mais detalhadamente, de nos referir, vem, da mesma fórma, consignado o contrabando.

No relatório (inquerito ás industrias) de 1881, de que foi relator Oliveira Martins, veem notados varios casos importantes de contrabando de cereaes.

Em 1891, dizia o conselheiro Frade d'Almeida:

«Para evitar de algum modo a introdução clandestina do trigo hespanhol, que parece realisar-se em larga escala, vindo figurar para todos os effeitos nos nossos mercados, como nacional, julgo que seria de conveniencia que se estabelecesse o systema da fiscalisação adoptada... etc.»

Lê-se no parecer da comissão das pautas, de 4 de fevereiro de 1893:

«Para que a agricultura tivesse a protecção que legitimamente lhe era devida, foram indicados os termos em que devia ser regulamentado esse regimen proteccionista; taes indicações foram, porém, desprezadas. Não ha fiscalisação do cereal em transitua na raia, muito embora se tivesse pronunciado em favor d'ella e maioria da comissão official que estudou o regulamento de 20 de agosto de 1889; e por isso o contrabando pôde-se fazer impunemente.»

Emfim, o sr. Marianno de Carvalho, que, apesar de ser o fundador do actual regimen dos cereaes, não tem deixado de reconhecer, por mais do que uma vez, quanto ha n'elle de odioso, escrevia, ha annos, no *Diario Popular*: «Não falamos dos hespanhoes, que esses, quando teem boas colheitas, mandam para cá por contrabando, tudo quanto lhes apraz e lhes convém.»

Isto quanto ao contrabando. A sonegação da propriedade é, igualmente, reconhecida por por todos.

Dizia Fradesso da Silveira, n'um dos discursos que proferiu na camara dos deputados em 25 e 26 de abril de 1870: «Constou-me que a propriedade estava arrendada. Disseram-me qual era o tabellião que tinha a nota da escriptura. Mandei pedir a copia da escriptura. Sabem v. ex.ª e a camara qual era a renda? De réis 1:100\$000, e figurava na matriz por 280\$000 réis! Mas note a camara mais alguma coisa, que do arrendamento por 1:400\$000 réis estava excluida a produção do vinho e do azeite! Procurando mais adeante, no mesmo concehlo, achei rendimento collectavel de propriedades que figuravam na matriz por 1:400\$000 réis e figuravam nas escripturas de arrendamento por 3:000\$000 réis! Estes são os factos. Como estes ha muitos.»

Sobre o mesmo assumpto se desenvolve, larga e lucidamente, Miguel de Bulhões, no seu livro curioso *A fazenda publica*.

No já citado parecer da comissão das pautas, de 4 de fevereiro de 1893, apparecem estes períodos característicos: «Não se dá ao manifesto a produção do trigo nacional, para se não dizer ao escriptivo de fazenda qual o rendimento da propriedade. Por isso, conforme o auctorizado testemunho de um funcionario publico, a sonegação no rendimento da propriedade rustica não é inferior a 100 por cento! O rendimento collectavel, que na dita propriedade é em realidade superior a 40:000 contos de réis, nas actuaes matrizes é apenas de 20:509 contos de réis! A provincia do Alentejo, cujo rendimento minimo será de 12:000 contos, dá para a matriz apenas 3:591 contos; a contribuição d'esta provincia é apenas de 322:070\$000 réis, ou seja 2\$152 réis por predio e 132 por hectare, como affirma o citado funcionario. Assim perde o thesouro centenas de contos de réis para manter um odioso regimen de excepção, que muito pôde aproveitar ao contrabandista e ao sonegador do verdadeiro rendimento da propriedade.»

Não ha nos ultimos 56 annos, diz o auctor da *Representação da Associação Commercial*, de Lisboa, de 1893, funcionario, publicista ou legislador que não accuse esta dupla fraude: o contrabando e a sonegação de rendimentos.

Mas a raça que se extinga, o povo que vá definhando, a pouca e pouco, até se acabar de todo, alimentando, á custa das suas subsistencias, do indispensavel á vida, os grandes ricos, os grandes donos da terra, os grandes influentes eleitoraes, toda a oligarchia funesta que nos explora, que nos roe, que nos devora, que ali está o sr. Hintze Ribeiro para mandar espingardear os famintos, tomando, corajoso e ativo, a responsabilidade do espingardeamento, se os famintos tiverem a velleidade de soltar o minimo protesto.

A coragem d'arcar com os exploradores odiosos e cruéis, a responsabilidade de os submeter ao regimen da verdade, da justiça e da lei, é que elle não tem, é que elle não toma.

E' que sua excellencia, se o fizesse, não seria o grande estadista que as tubas da fama proclamam.

Sua excellencia—já o disse em plena camara alta—recebe as ordens do seu soberano e cumpre-as.

E só assim se pôde ser grande estadista em Portugal.

Hintze, José Luciano, João Franco e todos.

Voltaremos ao assumpto.

A. B.

Por absoluta falta de espaço fomos, com pezar nosso, obrigados a retirar as *Cartas do Porto*. Que os nossosolicitos correspondentes nos desculpem.

Methodo de João de Deus

O *Jornal da Manhã* censura a direcção geral d'instrução publica pela circular relativa ao methodo João de Deus, sob o estudo pretexto de que o methodo é o professor e o professor é o methodo.

E' redactor do *Jornal da Manhã*, e provavel auctor do artigo, o sr. Trindade Coelho, auctor do prefacio da *Cartilha Maternal e a Critica*, onde pensou de maneira muito differente antes de ser tambem inventor de methodos d'ensino. Por isso é muito bem apalhado, nos termos que se seguem, pelas *Novidades*:

O nosso presado collego do *Jornal da Manhã* tem-se mostrado contrario á recommendação feita aos inspectores primarios pela direcção geral de instrução publica, no sentido de por elles ser insinuada aos professores a conveniencia de bem conhecerem o methodo João de Deus. Conta o collega entre os mais distinctos dos seus colaboradores o nome do sr. dr. Trindade Coelho, que no prologo da *Cartilha Maternal e a critica* (2.º livro de polemicas, de João de Deus) diz o seguinte:

Ensine como ensinar, o professor ha de adoptar um methodo, ou proprio ou alheio. Se proprio, porque não ha de prohibir-se-lhe, se for mau; ou porque se não ha de fazer d'elle o methodo geral, se tem, com effeito, valor que sobreleve o de todos os mais? Se alheio, porque não ha de ser preferido o que obtiver a consagração do maior numero?

E mais adiante:

E porque não será esse o de João de Deus?

E quasi a seguir:

Por mim louvando-me na auctoridade—que em Portugal não tem rival n'estes assumptos—da sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, não se me dá de conferir ao methodo de João de Deus o meu voto, é só ao d'elle,

E por ultimo:

Aprender a ler, era uma função mechanica; portanto, a creança se não saia anemica das mãos do mestre, saia, pelo menos, instinctivamente propensa ao horror ao estudo, que era para ella (como direi?) o trabalho de não perceber. Do genio de João de Deus caiu sobre este cahos o fiat que o devia ordenar e illuminar.—*et luc facta est.*

Com esta auctoridade de casa, não ficaria mal ao *Jornal da Manhã* pondo de parte a politica, deixar passar sem condemnação a recommendação feita aos inspectores primarios.

E' curiosissimo que quasi todos os zoilos do methodo de João de Deus houvessem principiado por ser os seus maiores admiradores.

Voltaremos a este assumpto.

A's almas caridosas

Ao condoido coração dos nossos leitores recommendamos a pobre e infeliz Chirineta, que se acha entevada com uma paralyisia e que vive na maior das misérias. Mora na rua da Fonte Nova.

TIRO NACIONAL

Volta o auctor da carta do *Debate* ao mesmo assumpto.

Valha-nos Deus! Valha-nos Deus!

Quando foi que nós dissémos, ou puzémos em duvida, em absoluto, que na carreira de tiro de Lisboa se não cumprira o regulamento?

Partimos sempre das hypothes formuladas nas cartas do *Debate*.

O regulamento está em vigor em todo o paiz. Não se cumpre em Lisboa? Praticou o director da respectiva carreira uma infracção.

Em todas as carreiras, que nós conhecemos, se distribuíram e venderam cadernetas, aos ati-

radores que appareceram. Fez-se fogo. Carregaram-se as sessões. E passaram de classe os atiradores que deram provas sufficientes para isso.

Não se fez o mesmo em Lisboa?

Dê para baixo no director da carreira, que dá com verdade e com justiça.

E, posto isto, concordamos em que, no resto, estamos realmente todos de accordo.

A NOSSA CARTEIRA

Já se encontra na praia de Espinho com sua familia, o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello, digno conservador d'esta comarca.

Tambem partiu para a Cotsa Nova, a fazer uso de banhos, o nosso velho amigo, sr. dr. Francisco Antonio Marques de Moura.

Esteve na quinta-feira em Aveiro, e deu-nos a honra da sua visita, o nosso amigo sr. Augusto Reis, desenhador das obras publicas em Coimbra.

Fallecimento

Após um doloroso soffrimento, falleceu na terça-feira, a sr.ª D. Maria Gracinda Fontes Alla, dedicada esposa do sr. Joaquim Maria Alla, conceituado pharmaceutico d'esta cidade, e sogra do sr. Francisco Assis Marques Gomes, esclarecido empregado das obras publicas do districto.

A todos os seus, os nossos sentimentos.

ALPOIM E BARACHO

Houve uma nova péga entre o sr. Alpoim e o sr. Baracho. E os jornaes republicanos, que não gostam do sr. Alpoim, insinuam que este sr. procedem com covardia.

Pois sabem os amiguinhos o que deviam fazer, se teem amor sincero á democracia?

Aproveitar a occasião para combater o duello, em primeiro lugar. O duello é uma tradição aristocratica, um preconceito estúpido, que nenhum democrata, digno de tal nome, deve admittir.

E, em segundo lugar, dar razão a quem a tem, seja quem fór.

Ora o sr. Baracho não tem razão nenhuma.

O sr. Alpoim será muito má pessoa. O sr. Baracho será um cavalheiro. Não discutimos. Não contestamos. Mas o sr. Baracho não tem razão nenhuma.

Os amiguinhos republicanos não de se convencer de que não teem, nem podem ter auctoridade, enquanto não pozermos a verdade e a justiça acima dos odios e despeitos.

Touros na praça do Pharol d'Aveiro

Reina grande entusiasmo entre os aficionados para as duas corridas de touros que se realisam nos dias 27 e 28 de setembro na praça da praia do Pharol.

O gado para a lide foi contratado e, segundo nos informam, o lavrador tem capricho em apresentar n'aquella praça os mais bravos e puros touros da sua afamada ganaderia.

O empregario, sr. Antonio Joaquim Gloria, esforça se para que as duas corridas sejam de primeira ordem, para o que anda tratando de ajustar pessoal de fama e do agrado publico.

O estomago é a força nutriz que dá o movimento á machina humana. Enquanto o esforço dos que se preocupam do progresso da humana especial não seja tendente a assegurar o devido combustivel ao motor digestivo, os esforços resultarão estereis.

THEREZA CAMARÁ LN.

CARRAPATA INTERNACIONAL

Ha dias, realisando-se exequias sollemnes por alma de Leão XIII — ainda tem medo d'elle não estar no céu! — na Sé de Lisboa, o representante d'Italia, que tinha sido convidado oficialmente, retirou-se bruscamente da egreja a meio do sermão por ter visto uma offensa á Italia em algumas palavras do prégador.

O *Diario da Tarde*, que foi o primeiro jornal a noticiar o facto, commentando-o n'um artigo, põe em relevo a vergonha de andarmos eternamente com conflictos internacionaes, principalmente com a Italia, e escreve estas palavras dignas de menção:

Assim, não insistindo já nas escandalosas revelações feitas pelo sr. João Arroyo n'um dos seus ultimos discursos proferidos na camara dos pares ao findar o ultimo periodo legislativo, a proposito de incidentes havidos com Sua Magestade a Rainha na sua viagem ao estrangeiro, factos que o sr. ministro dos extrangeiros negou e explicou quanto pôde, manda a oppor-tunidade que recordemos o havido n'uma das ultimas excursões externas do sr. D. Carlos e cuja narrativa achamos por esta maneira exposta n'um livro a que por mais de uma vez tivemos ensejo d'alludir durante o periodo do recente interregno pontificio. Citamos o volume — «Le futur pape», de Giovanni Berthelet, pessoa affecta aos ultramontanos e editado pela livraria Perrin & C., de Paris. Ali se lê a pag. 84 85:

«Ainda muito recentemente o rei Carlos de Portugal, sobrinho do rei Humberto (é filho d'uma irmã do rei) resolveu vir a Roma em visita a seu tio e a sua familia. Não era esta uma viagem politica.

A noticia d'esta viagem espalhou-se em Roma. Uma tarde passei-a eu com um amigo, quando encontrei o ministro de Portugal, Sua Excellencia de Carvalho y Vasconcellos *vic.* Perguntei-lhe se a noticia da viagem era verdadeira. O ministro ficou pasmado com a nossa surpresa;

—«Que ha d'extraordinario n'esta viagem?» perguntou-nos elle. —«Já fui-lhe acerca d'ella com o seu collega junto do Vaticano?» —«Agora comprehendendo» — exclamou o ministro, e deixou-nos.

No dia seguinte começou a espalhar-se duvidas com relação a esta viagem.

O cardeal Rampolla tinha visto o embaixador de Portugal junto da Santa Sé, Sua Excellencia Silva Ferrão, e tinha enviado telegrammas para Lisboa. O rei Carlos que estava em Paris e se aprestava a partir para a Italia, teve de renunciar á sua viagem após telegrammas recebidos do seu ministerio e de Roma.

O nuncio monsenhor Jacobini tinha lido ordem, de fallar claro e firme. Devia deixar Lisboa logo que o rei Carlos passasse a fronteira franceza para entrar na Italia. Agitava-se então em Portugal a grande questão das eleições geraes; fez-se comprehender ao rei que seria uma imprudencia ir a Roma sem attender á questão politica. E, por fim, dis-

se-se e fez-se tanto e tão bem que a ideia d'esta visita foi abandonada.

Era uma verdadeira affronta feita ao rei d'Italia. O prestigio moral do governo foi atingido com este facto. Não se sabia que fazer, recorreu-se a um expediente, chamou-se o ministro italiano em Lisboa e provocou-se assim igualmente a chamada do ministro de Portugal junto do rei d'Italia. Esta ameaça só contribuiu para tornar a affronta mais grave.

O rei Carlos não deu razões sufficientes para salvaguardar a dignidade do rei, seu tio.

Depois de tres ou quatro dias de hesitações, d'incertezas, de telegrammas trocados com o seu governo, deixou Paris e partiu, não para Roma, mas para Berlim.

Nenhuma declaração possivel podia acalmar os espiritos. O incidente tinha sido manifesto. Passados alguns mezes as relações diplomaticas foram reatadas. O que tinha acontecido, tinha acontecido, — eis tudo».

Estes factos que, em Portugal, de ordinario só são sabidos atravez das folhas e dos livros estrangeiros — ao tempo o sr. João Arroyo ainda era... cortezão — estão na memoria de todos ainda e foram explicados, cá p'ra dentro de casa, se bem nos lembra, por um conflicto qualquer succedido... na Suissa, na China ou em Timbuctú, — entre os republicanos d'Italia e de Portugal. A questão ahi fica agora exposta, e por quem estava em condições de o fazer em todos os seus pormenores, sendo apenas d'estranyar que Sua Magestade tivesse resolvido e publicado a sua viagem á Italia, sem ter ouvido o seu governo ou sem que este tivesse pensado nas complicações que tal viagem e tal noticia podiam acarretar com a Curia, como acarretaram...

Sendo apenas para estranyar que Sua Magestade tivesse resolvido e publicado a sua viagem á Italia sem ter ouvido o seu governo!

Pois Sua Magestade ouve lá alguém? Sua Magestade faz o que quer, o que entende, o que lhe agrada e faz muito bem.

Lá disse em plena camara dos pares o sr. Hintze Ribeiro: «O governo não dá ordens a sua magestade. Recebe-as do seu soberano e cumpre-as».

Isto é, os ministros, pela confissão insuspeita d'um presidente de conselho, são creados de servir.

Ora nunca se viu um patrão dar satisfação ou explicação do que faz aos seus creados.

CIGANAGEM POLITICA

Lê-se no nosso prezado collega *O Debate*:

Em Hespanha, por ordem do ministerio da guerra, os generaes convidam os officiaes seus subordinados a trabalhar para que todas as pessoas do seu conhecimento e que tenham as *nossas idéas dynasticas* se façam va-

ler como eleitores, afim de, nas proximas eleições municipaes, evitarem a segunda derrota da monarchia.

Esta de generaes-galopins é nova em folha.

E, quanto ás *nossas idéas dynasticas*, de que fala a circular, não se sabe bem quaes sejam, pois que o sr. Martitegui, ministro da guerra, foi isabelino antes de setembro de 1869, foi republicano em 1873 e foi affonsoino após o golpe de Estado de Sanguento.

E' a firmeza das convicções monarchicas.

Em 1848, quando da queda de Luiz Filippe, tambem os mais ferozes partidarios da dynastia a abandonavam covardemente ante o perigo revolucionario, ou se bandeavam com a Republica que, mais tarde, haviam de trahir.

O proprio Guisot, o ministro da politica da resistencia, se disfarçava em mulher para escapar á vindicta publica, que fôra o primeiro a provocar com a sua politica reaccionaria.

Convicções dynasticas!... Quem as tem, n'estas alturas do seculo?

Esses malandrins são os mesmos em toda a parte.

Em Portugal, os que mais se pronnuciavam contra a monarchia, nas conspiratas do 31 de janeiro, são os que hoje mais adulam a realleza, mais ignobilmente se arrastam deante do throno.

Falamos dos militares.

Dos paizanos é escusado fallar. Ahi está o grupo João Franco, o mais auctoritario de todos os grupos politicos d'esta terra, cheio de sugestivos que tendo corrido para a republica, convencidos de que ella ia ser proclamada, desataram a fugir para o mais reaccionario agrupamento partidario que se tem fundado entre nós, quando suppozeram que João Franco era o primeiro válido do rei.

Taes são as convicções dos sugestinhos.

João Franco é o homem que mais attentou em Portugal contra os principios democraticos. Pois os antigos republicanos não encontraram outro melhor para estandarte da sua revoltante, indigna e vil apostasia.

Mas não se cance *O Debate*. Elles bem sabem que em se proclamando a Republica, a Republica não terá duvida nenhuma em os aceitar de braços abertos.

Ainda n'outro dia o sr. dr. Afonso Costa se banqueteara com parte d'elles em Aveiro.

E depois admiram-se da indifferença do povo, e da profunda descrença de toda a parte pensante e honesta do paiz!

Boa nova

Frei Chica, o nosso querido e repellido *Frei Chica* do *intimo do coracestas*, parece que vae, finalmente, ser frito em *secco* nas grelhas, como o foi o seu desditoso collega S. Lourenço das *ditas*. O *Caguete*, o seu eterno e *pezado Caguete*, que tão más noitadas o tem feito passar ha um bom tempo a esta parte, parece resolvido a fazel-o cag... por quantas ilhargas *Frei Capacho* possue, tendo-se para tal fim munido de um espeto de ferro, conhecido vulgarmente por *assadoiro* e com o qual se dispõe a enfiar-o como a qualquer bácoro das antigas manadas de sua *reverendissima* e, collocando-o á *bôcca do forno publico*, envolto na *peçonhenta bilis* que tem lançado pela *immunda bôcca*, virando-o e revirando-o, assal-o-ha por completo e a gosto dos amadores do bello *acepipe*. Assim parece.

E' mais um martyr que entrará na conta dos *canonisados*.

Ao sr. dr. Delegado do Procurador Régio

No ultimo domingo de madrugada, seguia pacificamente pela estrada da Quinta do Picado para esta cidade, um individuo ainda novo e das proximidades de Oyã. Vinha junto com elle uma sua visinha e mais atraz seguia sua mulher, acompanhada d'algumas outras pessoas.

Ao chegarem á entrada do logar de S. Bernardo depararam com uns quatro ou cinco individuos que, *innocentemente*, se entretinham a atirar bordoadas na agua lamacenta da estrada para com ella salpicarem o rosto e os fatos dos transeuntes que por ali passavam.

Ao approximar-se d'elles o tal individuo d'Oyã, admoestou-os, observando-lhes que não era bonito o que estavam praticando.

A resposta ás sensatas palavras do pobre homem foi uma valente pancada com o pau na lama, que o enlameou todo, e em seguida uma outra vibrada á cabeça, que elle emparou no antebraço e que por pouco lh'o partia.

Vendo o pobre homem a fórma brutal porque estava sendo espancado, e receando bem que lhe acabassem com a vida, largou a fugir pela estrada fóra.

Mas um dos heroes, não contente ainda com as proezas já praticadas, correu sobre elle e, pelas costas, atirou-lhe tão violenta pancada na cabeça, que o infeliz deu consigo em terra banhado em sangue.

Aos gritos do desventurado, compareceram algumas pessoas do logar, que o transportaram a uma taberna e ahi lhe prestaram os primeiros curativos, vindo depois para Aveiro onde fez a competente queixa na esquadra, pro-

cedendo tambem ao exame medico como é praxe em casos taes.

Trata-se, pois, d'um crime gravissimo, e além d'isso bastante barbaro como se vê e deprehende pela singella discripção que aqui fazemos.

Pois consta-nos que, averiguado o caso, e sabendo-se que o principal auctor das taes proezas era um servical do sr. dr. Tavares Lebre, da Quinta do Picado, no commissariado de policia não dêram seguimento á queixa na previsão d'uma reconciliação entre o queixoso e o réu.

Será verdade? Sr. dr. Delegado do Procurador Régio: Será bom que s. ex.^a não deixe passar impune este barbaro como bestial crime.

E hoje ficamos por aqui.

Um amigo da justiça.

COLYSEU FIGUEIRENSE

Com uma casa repleta, realisou-se no dia 23 do corrente a primeira corrida da epocha, que era de esperar boa, em virtude dos elementos com que estava organizada; não nos enganamos, pois que todos os artistas se houveram á altura dos seus créditos, devido tambem ao bello curro que o sr. Correia Branco apresentou, porque eram muito eguaes, de bonita estampa e d'uma bravura rara, a não ser o 1.º touro que largaram a Manuel Casimiro, que se negou a cavallo, tendo o cavalleiro de recolher, apezar de despertado com dois pares de Theodoro. O 2.º, que cumpriu, foi *mimo-seado* com uma soberba gaiola de Theodoro; Cadete collocou bons pares, sendo passado de capote por Theodoro; foi pegado pelo cabo de forcados, não ficando na cabeça por não ser ajudado a tempo. O 3.º gravito, pertencia á quadrilha de *Guerrito*, mas este aproveitou-o empregando dois pares a cambio, magistrais; pegando na mulêta tem bons passes, simulando a sorte de morte muito regularmente. Dêram o 4.º, que era voluntario, a Joaquim Alves, que farpeou com arte, collocando tres ferros á volta, dois á tira e rematou com um curto soberbo. Foi chamado, sendo muito applaudido. O 5.º, pertenceu ao *espadado* «Guerrito», que empregou dois e meio pares, sendo infeliz na sorte de morte, pelo que teve o desgosto de ouvir alguns assóbios.

Depois do intervallo entram na arena os dois distinctos cavalleiros que farpearam a ferros curtos o 6.º da tarde, admiravelmente, sendo por isso chamados, ouvindo muitos applausos. O 7.º, foi bandarilhado por Saldanha e Torres, enfeitando-o com alguns pares bem postos.

Tiveram de luctar com o 8.º os bandarilheiros hespanhoes, da quadrilha de «Guerrito», que se não houveram mal com o bicho, collocando pares rasoaveis, tendo um d'elles a infelicidade de ser colhido ao saltar a trincheira, mas sem novidade, pois que continuou a lide. O 9.º, que era bravissimo, deu que fazer a Theodoro e Saldanha, saindo-se muito bem do seu trabalho, empregando pares ma-

periales contra las nocturnas aves otomanas en el campo de Peter-Varadin, dia 5 de agosto año 1716. (1)

A mim contentou-me a leitura do titulo, e dispensei-me de vêr o restante para ir jurar que deve ser sobre-excellente um livro que se chama *Aguilas filhas do sol, que voam sobre a lua*. E, como se isto não fosse já recommendação á obra, acresce-lhe o merecimento de ser *representação comica, tragica e triumphante*. Um livro assim, e os applausos com que a península provavelmente o victoriou, deviam ser para o doutor larga compensação dos dissabores com que sahira de Lisboa. Não ha ahi chaga em peito de homem illustrado que resista ao balsamo do talento.

(1) E' impresso em 1717, por Bento Seco Ferreira.

(Continúa.)

(23)

FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

VIII

Mã sina de poetas

Convém saber, antes de ir ávante, que D. Claudia, como se quizesse attrahir aos pés a attenção das pessoas, que lhe reparavam na cabeça, costumava estar sempre calçada de sapatos bordados a fio de ouro. As mais fidalgas chanceavam-na, na ausencia, por causa dos sapatos, e propalavam que o Olho de Vidro se deixára algum tempo fascinar dos aureos champins da escalvada dama. Sabido isto, não ha já commentarios que adiar á poesia.

Mulher, n'esse teu desgarró,

Um Nabuco ás vessas és;
Porque, tendo d'ouro os pés,
Tens a cabeça de barro.

Se alguma pedra traveça
Te quizesse derrubar
Era preciso acertar
Mais que nos pés na cabeça

Por que, se pelo mais fraco
Estalla a corda mais grossa,
Quem quizer que estalles, moça,
Ha de cascar-te no caco.

Mais flammandes do que um ouro,
Mais liza do que uma ostra,
A cabeça a coura mostra,
Os pés vão mostrando o couro.

Dize-me com que destino,
Mesclas n'essa estatua van
Entre affectos de christã
Heresia de *Calvino*?

Sem monho, e com cara alva
Sabes a toda a occasião;
E vejo que tens razão,
Porque a occasião é calva.

Sendo mal encabellada,
Para que andas, dize, á pella,
Se ninguem por ti se pella
Por mais que venhas pella?

Vae-te, e pede a Deus, ó louca,
Que te dê com toda a pressa,
Cabellos para a cabeça
Em vez de pão para a boca.

Ao padre nosso á porfia
Pede que te encabellise;
E em vez de *pão nosso*, dize:
Cabellos de cada dia.

Multiplicaram as copias e as gargalhadas; não tardou, porém, que sobrevissem os despeitos, por que muitas familias, que tinham rido, estavam aparentadas com D. Claudia. Chegou á noticia da dama a zombaria. Foi tanto mais funda a punhalada quanto ella amava ainda o doutor. Odiou-o de morte; não relevava, porém, a soberba da fidalga que ella se desse por ultrajada.

Conjuraram, de repente as fa-

mílias de melhor lote contra Braz Luiz. Os amigos evitavam-no com subterfugios. Os inimigos, collegas d'elle, deploravam que um seu consocio no sagrado mister da medicina os desdourasse. A tempo conheceu o doutor que tinha cahido em descredito; e medo tambem de cahir trespassado por algum fidalgo estoque não lhe faltou.

Fez logo conta de sahir de Lisboa, cortando por fibras muito sensiveis do peito. Do plano á execução mediou algum pouco tempo, em que Braz Luiz, recolhendo alta noite, esteve a pique de ser assassinado por uma arcabuzada, cujos pelouros lhe crestaram os bofes da camisa.

Desappareceu o Olho de Vidro de Lisboa, e estanceou alguma temporada por Coimbra, onde assistiu á impressão de um seu livro em castelhano, intitulado *Aguilas hijas del sol, que vuelan sobre la luna*. *Representação comica, tragica, triumphante de la immorale victoria gloriosamente alcançada por las aguilas im-*

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal, (1.ª parte) 15.ª edição, preço 200 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte) 15.ª edição, preço 300 réis.

Estes dois livros, approvados pelo governo, completam a arte de leitura de João de Deus.

Album, contendo as lições da CARTILHA MATERNAL, preço 9\$000 réis.

Quadros parietaes, contendo as mesmas lições em 35 cartões, 9\$000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, 270 réis.

DO MESMO AUCTOR

Campo de Flores, 3.ª edição das poesias lyricas completas, coordenadas das sob as visitas do auctor, pelo dr. Theophilo Braga, 700 réis.

Prosas, (de João de Deus) coordenadas pelo Theophilo Braga, preço 800 réis.

PEDAGOGIA: A Cartilha Maternal e o Apostolado, (1.º livro) 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.º livro, 500 réis.)

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 460 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras acham-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos do costume ás livrarias.

Pedidos ao commissario Francisco Franco, Livraria Popular, Travessa de S. Domingos, 60, Lisboa, aonde serão dirigidas as requisições.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Os municípios, corporações e professores que queiram adoptar nas suas escolas o methodo de João de Deus, também tem desconto especial.

Deposito geral das obras, L. do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º AVEIRO

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
 A machina «PFAFF» para alfaiates.
 A machina «PFAFF» para modistas.
 A machina «PFAFF» para sapateiros.
 A machina «PFAFF» para seleiros.
 A machina «PFAFF» para correiros.
 A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
 Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettam gratuitamente.
 Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

gustalmente collocados. Foi mandado pegar de cara, o que nos pareceu ser uma barbaridade, pois que o boi não estava sufficientemente passado de capote, e o resultado foi o forcado ser bastante magoado, a ponto de depois da corrida se dizer que tinha fallecido, mas colhendo informações, subtemos que não era verdadeiro o boato que corria, mas que se achava bastante molestado. Este boi, negando se a entrar para o touril, o que só conseguiram depois de laçado, fez com que o 10.º bicho entrasse na arena já noite fechada, sendo ainda assim castigado com alguns pares de bandarilhas.

A direcção, a cargo de Jayme Henriques, foi boa. Assistiram tres phylarmonicas, tocando a de Salamanca na arena antes da corrida.

Emfim, a tourada foi boa, saindo o publico satisfeito, pelo que é digna de maiores elogios a Empreza do Colyseu Figueirense.

No dia 8 de setembro realisa a Companhia do Colyseu Figueirense a segunda corrida da presente epoca com magnificos elementos, pois que toureiam como cavalleiros os distinctos artistas Manuel Casimiro e seu filho José Casimiro, um novo ainda, mas d'um arrojo digno de se apreciar. Bandarilheiros, são: Jorge Cadete, José Martins, Torres Branco e Manuel dos Santos. Espada é o notabilissimo Faico, que no Mexico foi ha pouco muito applaudido nas notaveis corridas que ali se realisaram. Também tomam parte n'esta corrida alguns dos melhores artistas hespanhoes.

O gado é da afamada ganaderia de Robertos da Fonseca.

Grande desastre—3 mortes e muitos feridos

Ante-hontem, quando o barco da companhia dos srs. Coelho & C.ª seguia para o mar, foi volteado por uma enorme vaga na chamada cabeça do pégo, desaparecendo tres homens e ferindo-se gravemente uns dez ou doze.

Immediatamente foi lançado ao mar um barco da companhia Resuscitada, que mettu as bóssas no barco voliado e assim poude ser arrastado para terra. Só então é que se deu falta dos infelizes, que eram: João Fidalgo e João Faustino, casados, da Gafanha; e um homem da Murtoza, conhecido pelo Vieira.

Ao pobre João Fidalgo morreu um irmão ha pouco, também afogado, e tem um outro ausente em Africa, pelo crime de homicidio voluntario. O unico irmão sobrevivente deve-se-ia casar hoje.

Entre os feridos graves conta-se Julio d'Almeida Carapelho, que ainda ha pouco esteve cumprindo pena correccional nas cadeias d'esta comarca, por disturbios.

Durante o desastre a praia tornou-se horrivel pelos gritos lancinantes das mulheres na perspectiva de uma tragedia temerosa, pois julgou-se não se salvar ninguém.

Dizem-nos que chegou a vir gente da Torreira attrahida pela enorme gritaria.

Os deportados de infantaria 18

Assegura um jornal de Lisboa, que por occasião do anniversario natalicio de el-rei, será concedida a amnistia aos insubordinados de infantaria 18, deportados em Africa.

A ser assim, terá ella logar no dia 28 do proximo setembro, dia em que passa o anniversario natalicio do rei.

Praticante de pharmacia

Precisa-se para a pharmacia da Misericordia da Figueira da Foz, de um praticante que tenha pelo menos tres annos de pratica registada a quem se dará 13:500 réis de ordenado mensal, quarto, cama, roupa lavada, e licença para estudar, apresentando boas referencias.

O PROVIDOR,
Visconde da Marinha Grande.

CAMARA MUNICIPAL

DE AVEIRO

Firmino de Vilhena de Almeida Maia, secretario da camara municipal d'Aveiro:

FAÇO saber, por deliberação da camara municipal, que até ao dia 16 de setembro proximo se acha aberto o concurso para a empreitada do calcetamento a pedra branca e preta, subordinada aos competentes desenhos, da Praça Municipal d'esta cidade, com uma superficie de 1:926 metros quadrados, devendo a pedra a empregar ser proveniente dos jazigos de bazalto e marmore branco (vidraço) de Lisboa.

O caderno de encargos e mais condições d'esta arrematação acham-se patentes para quem quizer examinal-os, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde, nos dias uteis e na secretaria da camara.

Aveiro, 27 de agosto de 1903.

O secretario da camara,

Firmino de Vilhena de Almeida Maia.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocío, 43 n 44

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22ª

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO.

D'aquí levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDA SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e cordas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviamencomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.